

Alternativas de fim de linha

Villas-Bôas Corrêa

Não adianta olhar para trás, derramando lágrimas de arrependimento em arranques de desespero sobre as oportunidades perdidas. É inútil, e, depois, não há tempo.

Parece que afinal arregalamos os olhos para enxergar uma realidade que estava aí mesmo, diante de nossas *butucas* desatentas. Estamos vivendo vésperas de decisões fundamentais, numa disparada rumo ao futuro. Hoje, precisamente hoje, o plenário da Constituinte começa a discutir e a se aproximar do voto para definir a Constituição. O anteprojeto para valer está recebendo os retoques finais na Comissão de Sistematização e inicia as rodadas fundamentais no mergulho no plenário imprevisível, na ausência dos seus 559 parlamentares, contando nos dedos os instantes que faltam para a desforra da marginalização e o grande momento de afirmação do mandato.



Ora, se o presidente José Sarney desperdiçou ocasiões de ouro e prata para empalmar a liderança de uma Constituinte sem partido, a evidência, sugere ele, não esgotou todos os seus trunfos. O jogo arruinou-se, o cacife do governo se dilui, como fortuna dissipada pelo herdeiro perdulário. Convém, entretanto, prestar atenção no presidente. Ele é uma peça que não pode ser desprezada nem posta de lado, como traste inútil.

O presidente Sarney seguiu a sua cabeça e a de assessores e acreditou que um pouco de pressão, acionada pelos governadores, ministros e lideranças, inverteria a tendência parlamentarista da Constituinte, com a bonificação extra de cinco anos de mandato. Bem, os sonhos palacianos não são de agora, mas bem mais antigos. Sonhados no cenário dourado do cruzado, com a popularidade nas alturas da Lua. O sonho é renitente, teimoso. Lá no fundo da alma sempre fica um cisco de ilusão, o grão de esperança. Depois, quem operou um milagre espera repeti-lo. Pois não é só sacudir a varinha e, convictamente, declamar as palavras cabalísticas?

A lembrança que ficou da última tentativa de mudar o rumo das coisas é penosa, francamente constrangedora. O presidente inflou-se do gás das boas intenções, anunciou, em discurso bem elaborado, mundos e fundos e não aconteceu rigorosamente nada. Ficamos na mesma, talvez pior.

Bem, e agora? A Comissão de Sistematização confirmou, com sobras, a sabida inclinação da Constituinte pelo parlamentarismo. Ele está aí, à vista, tão próximo que pode ser tocado com a ponta dos dedos.

Ora, o presidente não deverá cruzar os braços, num conformismo abúlico e omissivo. A partir de agora, a cada

passo, Sarney terá que decidir, optando entre alternativas.

De logo pode dar a sua luta por terminada e perdida e, num recuo tático, reafirmar a soberania da Constituinte — o governo desiste de meter o bedelho no que não é da sua conta, aceitando as suas decisões, reverente à sua autonomia.

Pelo visto e lido, não é esta a disposição presidencial. Mas de prosseguir, insistindo. Só que não se distingue uma determinação confiante embalada na efetiva esperança de uma reviravolta. Nem teria sentido. O que a Constituinte vem ratificando é uma tendência antecipada em todas as pesquisas, das mais diversas procedências. Nunca se conseguiu exibir números sérios indicadores de uma guinada presidencialista, desde que a Constituinte emergiu das urnas dos engodos de 15 de novembro de 86.

Se Sarney não estaca e recua mas resolve ir adiante, assim meio de corpo mole, é porque entende que este é o seu dever. Um presidente não pode parar no meio do caminho, mas está obrigado a esgotar as etapas possíveis. Afinal, a Constituição decide-se no plenário e não de véspera.

Um novo pronunciamento, em rede nacional de rádio e televisão, está nos planos do governo. É a forma mais direta e cômoda de transmitir um recado sem correr os riscos de provocar a reação popular. Depois o presidente tem o direito e mesmo o dever de dizer o que pensa, de reiterar as suas advertências com a solenidade pomposa de uma fala ao país. Que daí resulte qualquer alteração num plenário rebelde, em plena insubordinação, vai a distância entre o embalço das fumaças e o tranco da realidade. De qualquer maneira, Sarney lavará as mãos.

A decisão no voto do plenário será ditada pelas razões de cada constituinte. Entre as quais, sem dúvida, a resposta que aceita ou rejeita o apelo presidencial.

Mas, e depois? Um milagre presidencialista, contrariando todas as evidências, desafogaria o presidente para soltar os foguetes comemorativos. É melhor, todavia, ficar com a hipótese mais provável da confirmação do parlamentarismo.

Então, estará armado o palco para o grande lance. Na hora em que a Constituinte aprovar, pelo voto definitivo, a mudança do sistema de governo, todos os olhos estarão voltados para Sarney. Só, em cena, dele se espera o gesto que deverá assinalar sua presença histórica no desfecho da transição: *Especula-se como possível, mensagem à Constituinte, propondo eleições gerais logo após promulgada a Constituição. Para um banho de urna do novo, como que preparando a inauguração do futuro. É cedo para antecipações. Mas, alguma coisa deve estar sendo pensada nas solidões do presidente. Sarney não sairá da transição pela porta dos fundos. Ainda que derrotado.*